

Nível médio precisa ser valorizado

A nova Lei de Diretrizes e bases dá um novo status ao segundo grau e ao ensino técnico. Governo federal quer implantar teste para dar credibilidade ao sistema

O ensino médio serve apenas como escada para a universidade? Ou é uma meta em si, que prepara cidadãos para a vida? Para a professora Maria Helena Guimarães de Castro, 51 anos, casada, dois filhos, presidente do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep), a única resposta possível é a de que o segundo grau deve ser uma meta em si.

“Precisamos valorizar o ensino médio”, garante, com a autoridade de quem gerencia todos os dados referentes ao sistema educacional brasileiro. O Inep, órgão que preside, é definido por ela como uma mistura de Ipea com IBGE.

“Nós aglutinamos os dados fornecidos pelas secretarias estaduais de ensino, como o Censo Escolar, e damos tratamento estatístico e analítico a essas informações”, explica. O Inep, inclusive, faz parte dos subsistemas do IBGE, sendo o único organismo oficial habilitado à coleta de informações na área educacional.

A resposta ao desafio de valorização do ensino médio, segundo Maria Helena, foi a de estender ao segundo grau a experiência do Provão, outra iniciativa que saiu de propostas do Inep.

“Nós necessitamos de um selo de qualidade que possa ser dado ao aluno para que ele enfrente os desafios de uma vida adulta. Essa é a proposta do Exame Nacional de Ensino Médio, o Enem, que pretendemos colocar em prática em todo o Brasil no ano que vem”, afirma.

O Enem não será obrigatório. Qualquer aluno de segundo grau, que tenha terminado o curso, poderá receber o certificado de participação, com sua nota. Não há limite de idade. As estatísticas apontam para o fato de que mais e mais pessoas entram nas universidades a partir dos 27 anos.

Por outro lado, o novo exame permitirá uma aferição melhor do desempenho das escolas e dará um tratamento homogêneo ao conteúdo programático dos diversos estados, uma vez que se trata de um teste em nível nacional, que contém todas as matérias ensinadas durante o segundo grau.

“O Brasil passou por um profundo processo de massificação educacional nos anos 70. Isso trouxe sérios reflexos já perceptíveis na década de 80”, conta Maria Helena. “O ensino se degradou e o nível

dos professores caiu, com o aviltamento dos salários e a proletarização do magistério que, hoje, está impedido de comprar até livros. Exames como o Enem e o Provão são ferramentas interessantes para diagnosticar falhas de maneira a poderemos corrigi-las.”

OUTROS PAÍSES

O exame de avaliação do segundo grau não é uma invenção brasileira. Nos Estados Unidos, testes desse tipo são necessários para habilitar um estudante ao ensino superior. O mesmo ocorre em todos os países desenvolvidos. Na maioria deles, esses testes têm caráter obrigatório. Na Itália, o Exame de Maturidade é uma espécie de festa nacional. Bancas de professores viajam (as provas sempre são aplicadas por professores de outras cidades) e as famílias comemoram os bons resultados de seus filhos.

A Argentina adotou a idéia há pouco mais de 11 anos e, apenas no ano passado, já com uma grande adesão voluntária dos estudantes, ele se tornou obrigatório.

“O Enem deve ser visto como algo mais que um teste de aptidão acadêmica”, afirma a presidente do Inep. “É uma maneira democrática de inserção no mercado de trabalho, que dá ênfase à formação geral do indivíduo. Estamos avaliando indivíduos e não conteúdos”. Iniciativas como o PAS, da Universidade de Brasília, são vistas por ela como restritivas.

“Na verdade”, comenta, “está se criando uma reserva de mercado para as escolas que se habilitaram no programa. Nesse caso, porque não adotar o exame do histórico escolar, como a Universidade Federal de Goiás está fazendo?”

Uma experiência que ela faz questão de destacar é a vivida pelo Estado do Paraná, que transformou suas escolas técnicas em uma espécie de terceiro grau. Depois de formado no segundo grau, o aluno pode cursar uma escola técnica. Para isso, precisa se submeter a um exame semelhante ao Enem.

“O Enem pode, no futuro, substituir inclusive o exame vestibular. Afinal de contas, o enfoque deve ser dado na formação individual e não no simples conteúdo programático que cursou”, complementa. A Universidade Federal de Goiás concorda. Ela poderá substituir seu vestibular pelo Enem em um futuro próximo.



Maria Helena: o ensino médio é um curso completo e não como uma escada para o vestibular